

# MARIA E O SEU SERVIÇO "SACERDOTAL" UMA VISÃO DA ECLESIALIDADE MARIANA NA TRADIÇÃO DA IGREJA

*Dr. Dom Rafael Maria Francisco da Silva, OSB\**

## RESUMO

*A colaboração da Virgem Maria na obra da salvação sempre foi uma temática controversa na história da Igreja de, amplo debate e causando até incompreensões. Para os santos Padres e diversos Autores do passado cristão isto nunca foi um problema, pois eles fizeram suas teologias de joelhos com oração, fé, espiritualidade, doutrina e coerência de vida. Tinham sempre diante dos olhos a Palavra da verdade, a experiência da Igreja. Maria de Nazaré tão intimamente unida ao Filho é sua colaboradora por excelência com um serviço sacerdotal inerente a todo cristão. Seu sacerdócio não se equipara ao sacerdócio ministerial conferido aos bispos, sacerdotes e diáconos. Com os aspectos simbólicos os diversos Autores do passado associam Nossa*

## ABSTRACT

*The collaboration of the Virgin Mary in the work of salvation has always been a controversial topic in the history of the Church, leading to widespread debate and misunderstandings. For the Fathers and several authors of the Christian past this was never a problem, because they did their theology on their knees with prayer, faith, spirituality, doctrine and integrity of life. They had always before their eyes the Word of truth, the experience of the Church. Mary of Nazareth, so closely united to the Son, is his collaborator par excellence with a priestly service inherent to every Christian. Her 'priesthood' is not equal to the ministerial priesthood conferred on bishops, priests and deacons. The various authors of the past symbolically associated*

---

\* Monge beneditino do Mosteiro de São Bento de Olinda (Brasil). Doutor em Teologia com especialização em Mariologia pela Pontifícia Faculdade Teológica "Marianum" (Roma). Diplomado para Postulador pela Congregação para Causa dos Santos (Cidade do Vaticano). Email: d.rafaelmariaosb@hotmail.com

*Senhora com os animais que foram sacrificados no Templo segundo a tradição bíblica, assim como o fora Cristo, o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo. A Mãe do Senhor, a primeira discípula, se une ao sacrifício único do Redentor e não o ofusca, mas o concretiza na sua vida de Virgem-Mãe oferente, de escuta e de serviço.*

**Palavras-chave:** *Maria. Patrística. Sacerdócio. Sacrifício. Simbologia.*

*Our Lady with the animals that were sacrificed in the Temple according to biblical tradition, except of course for Christ, the Lamb of God who takes away the sin of the world. The Mother of the Lord, the first disciple, joins the unique sacrifice of the Redeemer and does not obscure it, but materializes it in her life of offering, listening and service.*

**Keywords:** *Mary. Patristics. Priesthood. Sacrifice. Symbolism.*

## INTRODUÇÃO

Um tema antigo que sempre volta é o da simbologia de alguns animais que eram utilizados como sacrifícios no Templo, aplicados desde os tempos remotos, a Maria de Nazaré pelos Santos Padres. Tal metáfora depende das metáforas aplicadas a Jesus, seu filho: Cordeiro, Touro, Novilho, etc.<sup>1</sup> As analogias, não foram refletidas de modo isolado, mas em relação ao sacrifício redentor do Cordeiro Pascal, Jesus Cristo. O tema de “Maria a Cordeira, Ovelha etc, presente nos escritos e pensamentos de diversos autores do Oriente e do Ocidente, se inicia no século II sempre em contexto litúrgico. É muito sugestivo, pois vemos que a *Theotókos*, na exegese patrística é colocada ao nível de colaboradora, sócia, discípula e companheira no sacrifício redentor do Cordeiro Imaculado (1Pd 1,19; Ex 12,5). Tal associação aplicada a Maria, não quer de modo algum dizer que ela está ao nível do *único* sacrifício redentor de Cristo, mas nos indica o testemunho dos autores antigos de que, com seu exemplo de unir-se como *serva* e *discípula* ao sacrifício do Filho, sua função de cooperadora na obra da salvação é única em modo perfeito na história da salvação.

<sup>1</sup> Cf. CHARBONNEAU-LASSAY, L. *Il Bestiario del Cristo*. La misteriosa emblematica di Gesù Cristo. Roma: Edizioni Arkeios, 1994, p. 123-125.205-207.210-215.217-218.245-264.276-279.289-295.

Tomamos como ponto de estudos a exegese patrística tão rica em símbolos e teologia mariana, rica de espiritualidade e aprofundamento para a vida da comunidade eclesial de ontem e de hoje. Nesta perspectiva Maria é vista como a mulher Eucarística e Sacerdotal por excelência: a primeira na comunidade dos fiéis a Cristo, a Virgem da escuta da Palavra de Deus, a que preparou a vítima para o sacrifício associando-se em modo pleno e definitivo a obra da salvação (*Marialis Cultus* 17-18.20-21), assim como modelo sacerdotal.

O presente trabalho se volta à missão de todo sacerdote e tomamos a figura de Maria, Mãe do Eterno Sacerdote Jesus Cristo. Ela é o modelo da vida sacerdotal e o *Refugium peccatorum*, aquela que ajuda o povo de Deus e sacerdotal a progredir passo a passo no caminho da conversão e da salvação.

## 1. OS ANIMAIS PARA O SACRIFÍCIO NO AT

Para compreendermos a colaboração de Maria na obra da salvação e portanto, na sua função de mulher Eucarística e Sacerdotal, seguimos a exegese dos Santos padres.

Ao título de “Cordeira”,<sup>2</sup> aplicado a Virgem Mãe de Deus por santos autores do passado, se junta aos títulos de “Novilha, Vitela, Ovelha,<sup>3</sup> Pomba e Rolinha”,<sup>4</sup> animais que no AT eram utilizados em diversas situações sacrificais, mas também com tonalidades poéticas. Tal imagem simbólica de animais sem defeitos, aplicados a Virgem Maria, é uma interpretação teológica/simbólica dos eventos litúrgicos do AT. Estes animais e aves citados eram oferecidos para o

<sup>2</sup> Cf. a obra de BOURASSÉ, J. J. *Summa aurea de Laudibus B. V. Mariae Dei Genitricis sine labe conceptae*, Tomo IX. Parissis: Excudebatur et Venit Apud J.-P. Migne Editorem, 1862, p. 901-902ss.

<sup>3</sup> Ibidem, p. 902, no verbete: Agna, Vítula, Ovis.

<sup>4</sup> A *Rolinha*, também é associada a Virgem na qualidade de fidelidade. Este pássaro quando o companheiro morre continua sua vida na solidão. Maria é comparada a *Rolinha pura*: cf. Esíquio de Jerusalém (+ 451). In: GARIB, G.; TONIOLO, E. M.; GAMBERO, L.; DI NOLA, G. *Testi Mariani del Primo Millennio*. Vol. 1. Roma: Città Nuova Editrice, 1988, p. 531. Daqui em diante será citado assim: *TMPM1*. Ambrósio Autperto (+ 741), fala deste pássaro fazendo referência aos cristãos na integridade da fé e da mortificação, mas pela intuição de Maria. Cf. GAMBERO, L. *Testi Mariani del Primo Millennio. Padri e Autori Latini*. Vol. 3. Roma: Città Nuova, 1990, p. 733-734. Daqui em diante será citado: *TMPM3*; IDEM, *Testi Mariani del Secondo Millennio. Autori Medievali dell'Occidente (sec. XI-XII)*. Vol. 3. Roma: Città Nuova, 1996, p. 353. Daqui por diante será citado: *TMSM 3*.

sacrifício de louvor, ação de graças e expiação pelos pecados e tinham que ser vítimas sacrificais puras/sem defeito (Lv 21, 17.18.21.23; 22, 20.21.25).

A estes animais se junta de modo muito significativo o da “Abelha virgem”, da qual se produz o mel e a cera, esta última produção vem relacionada ao Círio Pascal cantado no *Exultet* na Vigília da Páscoa. Três fórmulas litúrgicas do *Exultet* foram escritas ao longo da história litúrgica da Igreja que a tradição confere em particular a três autores antigos: *Ambrósio de Milão* (+ 393), *Enódio de Pavia* (+ 473/521) e ao *Pseudo-Agostinho* (séc. V). Os dois primeiros relacionam a “Abelha virgem” com a virgindade perpétua de Maria, perdurando na liturgia o *Exultet* de inspiração Ambrosiana até a reforma do Concílio de Trento.

No AT, se distinguia diversas modalidades de oferendas de animais. Quando era um sacrifício de animais pequenos se oferecia um cordeiro ou cabrito (Lv 1,10), uma ovelha sem defeito (Lv 4,32); quando de um sacrifício de animais grandes se oferecia um novilho (Lv 1,3s; 4,3s). Estes dois tipos de sacrifícios eram para pessoas ou famílias abastadas e que tinham melhores condições de vida.

Se consistisse em sacrifício de aves, teria a possibilidade de ser uma «pomba» ou uma “rolinha” (Lv 1,14; 5,7; 12,8s). Tais animais seriam para as famílias e pessoas de condições menos favorecidas, e neste contexto se enquadra a família de Nazaré, quando apresenta o menino Jesus ao Templo (Lc 2,24; Lv 12,8). Embora para o sacrifício sempre fosse escolhido um animal macho sem defeito (Lv 1,3.10), não se excluía um sacrifício de um animal fêmea sem defeito (Lv 3,1.6).

## **2. O SENTIDO OBLATIVO DE MARIA EM RELAÇÃO À OBLAÇÃO DEFINITIVA DE CRISTO**

Os Autores do passado, quer do Oriente quer do Ocidente, associam em modo também simbólico tais vítimas imaculadas sacrificais, aplicando-os à Maria Imaculada, no que toca à sua cooperação na obra da salvação, pois “Ela é a Virgem, medianeira do mistério da salvação, que Vos oferece [ó Deus] o Cordeiro sem mancha para ser imolado por nós no altar da cruz”.<sup>5</sup>

<sup>5</sup> CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA. A Virgem Maria na apresentação do Senhor, n. 7. In: *Colectânea de Missas da Virgem Santa Maria. Missal*. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1997, p. 57.

O carácter sacerdotal que inspira certas expressões litúrgicas e patrísticas são elementos que merecem atenção. O título de *Maria, Virgo Sacerdos* (Maria, Virgem Sacerdotisa), fora motivo no passado de entusiasmo eclesial,<sup>6</sup> mas também de atenção e prudência no título aplicado a Virgem Nossa Senhora.

Dois mariólogos recentes retomam em consideração este título mariano. São eles: Salvatore Perrella, servita, professor e vice-presidente da Pontifícia Faculdade Teológica Marianum de Roma e Stefano De Fiores, monfortano, também professor na mesma faculdade, presidente da Associação Mariológica Interdisciplinar Italiana e escritor de muitos livros de mariologia. O professor Perrella vê em tal título de modo ambíguo que pode causar confusão e erros a pessoa e figura de Nossa Senhora, podendo interferir hoje no contexto do diálogo ecumênico. O mariólogo servita sugere um título que possa ajudar a compreender a função de intercessão da Virgem com o título “Maria, ministra/sócia Redemptoris in opere redemptionis”.<sup>7</sup> O professor De Fiores por sua vez, no seu *Nuovissimo Dizionario di Mariologia*, trata o assunto com muita naturalidade e sobriedade teológica, não levando ao exagero devocional ou sentimental, mas com uma rica e profunda conceitualização teológica do tema. Para o mariólogo monfortano, nada impede o título de “Maria, Virgo Sacerdos” pois, Maria é aquela que faz parte do sacerdócio universal de Cristo, como todos os fiéis batizados (*Lumen Gentium*, n. 62). Ela em modo muito particular atingiu o máximo da função do sacerdócio materno e espiritual a serviço de Cristo e da Igreja. De Fiores coloca Maria no contexto do Povo Sacerdotal, onde ele elabora seu pensamento mariológico apresentando vários prismas: da passagem do sacerdócio ministerial ao sacerdócio universal; da relação entre Maria e o sacerdócio na tradição eclesial; da Mãe do Sumo-sacerdote Jesus Cristo ao modelo

---

<sup>6</sup> A devoção a *Maria, Virgo Sacerdos* causou interesse por parte das autoridades da Igreja seja aprovando o culto com uma oração própria, seja por motivo de perigos de excessos causou atenção. Tal interesse possibilitou um estudante da Sorbone de Paris a escreve uma tese de doutorado sobre o tema. Em 7 de Janeiro de 1952 foi causa de atenção e perplexidade, por merecer um voto de máxima importância. O mariólogo René Laurentin, procura na sua obra *Maria Ecclesia Sacerdotium*, iluminar possíveis incongruências no tema, procurando assim iluminar teologicamente o tema em questão. Cf. LAURENTIN, R. *Maria Ecclesia Sacerdotium*. Essai sur le développement d'une idée religieuse. Paris: Nouvelles Éditions Latines, 1952. IDEM. *Marie, l'Église et le sacerdoce*. Paris: Nouvelles Éditions Latines, 1953. (Étude Théologique).

<sup>7</sup> Cf. PERRELLA, S. *Le mariofanie*. Per una teologia delle apparizione. Padova: Edizione Messaggero, 2009, p. 183-207.

do povo sacerdotal; de Maria, uma mulher leiga [...] sacerdote em Cristo e chegando enfim a Maria como modelo do povo sacerdotal.<sup>8</sup>

Maria, em si não traz as prerrogativas do sacerdócio ministerial conferida ao sexo masculino, mas participa como todos os batizados no único sacerdócio de Cristo. Ela é Mãe da cabeça da Igreja, que é o Sumo e eterno sacerdote. Como ela não poderia fazer parte do único sacerdócio de Cristo?

Olhando neste prisma, assim como o sentido de serviço de intercessão de Maria junto a Cristo, a tradição da Igreja aplica a Maria de Nazaré títulos que faz em primeiro lugar relação com Jesus Cristo, único e eterno Sacerdote, mas associa Maria como ministra do mistério.<sup>9</sup>

Maria é considerada unida de modo tão estreito na santidade e no serviço do Filho, que muitos autores não concebem uma comunidade eclesial sem a presença de Maria (Cromácio de Aquiléia).

Não só títulos, que evocam as vítimas dos sacrifícios veterotestamentários, são o modo de compreender a cooperação de Maria na obra da salvação, pois aqui não excluimos, também, outros elementos simbólicos e análogos que diversos Autores, quiseram aplicar a Virgem Santíssima e que estão relacionados de modo explícito ou implícito ao contexto do ambiente sacrificial e litúrgico do Templo no AT.

Não é de se estranhar tais aplicações a Nossa Senhora, pois o NT nos aconselha de *“Aproximai-vos do Senhor, pedra viva, rejeitada pelos homens, mas escolhida e preciosa aos olhos de Deus. E vós mesmos, como pedras vivas, entrai na construção deste templo espiritual, para constituirdes um sacerdócio santo, destinado a oferecer sacrifícios espirituais, agradáveis a Deus por Jesus Cristo”* (1Pd 2,4-5).

<sup>8</sup> Cf. DE FIORES, S. *Maria. Nuovissimo Dizionario*. Vol. 2. Bologna: Edizione Dehoniane, 2006, p. 1271-1320.

<sup>9</sup> Cf. GREGÓRIO DE NAREK (ca. 950-1010). In: GHARIB, G. *Testi Mariani del Primo Millennio. Padri e altri Autori Orientali*. Vol. 4. Roma: Città Nuova 1991. Daqui por diante será citado: *TMPM4*, p. 584. A ligação do sacerdócio de Maria, em relação ao sacerdócio do Povo de Deus, encontra-se em Santo Agostinho a afirmação de que Maria de Nazaré descendia da família real (Daví) e sacerdotal (Aarão), pois isto encontra ligação genealógica com Isabel, sua parente, que era de linhagem sacerdotal, assim como ainda afirma Agostinho que o pai de Maria, Joaquim, era um sacerdote. Cf. As citações indicativas agostinianas em MONTEVERDE, F.; PASSARINI, E. *Opera Omnia di Sant’Agostino. Indice Analitico Generale (G-O)*. Vol. 44/3. Roma: Città Nuova Editrice, 2009, p. 561.

Dos símbolos marianos apresentados pela Patrística, sobressaem-se, de modo particular, os que caracterizam o culto religioso:

O *Templo*, morada do Senhor e lugar eminentemente para o sacrifício. Maria Santíssima, prefigurada com o Templo, evoca não somente esta simbologia, mas também quer significar que a carne de Maria foi o templo de Cristo, assim como a carne de Cristo foi o templo da sua divindade, como nos indica *Gregório Nazianzeno* (+ 390): “A Mãe de fato é o templo de Cristo; este por sua vez é o templo do Verbo”.<sup>10</sup>

O recinto do Templo (Ex 27,9-15) do Antigo Testamento segundo Ex 26-30 era dividido em dois sectores. No primeiro sector tinha o Átrio onde se encontrava: a Porta de entrada para o sacerdote e o povo (Ex 27,16; 38,18), o Altar do holocausto (Ex 27,1-8) e a Bacia/Vaso de purificação sacerdotal (Ex 30,17-21). No segundo setor onde só o sacerdote entrava tinha a Morada/Habitação do Santo dos Santos (Ex 26,1-30; 36,8-35), subdividida em dois sectores: No primeiro setor que dava acesso ao Santo dos Santos tinha o local chamado Santo (Ex 26,33) com a Porta/Véu (Ex 26,36), com o Altar dos perfumes (Ex 30,1-9); o Candelabro de ouro (Ex 25,31-37), a Mesa dos pães da oferta ou da proposição (Ex 25,23-30). No segundo setor chamado Santos dos Santos, (Ex 26,33) tinha o Véu/Porta<sup>11</sup> de entrada ao Santo dos Santos e a Arca da Aliança (Ex 25,10) conhecida também como Propiciatório (Ex 25,17).

A *Porta/o Véu do Templo*, fechada ou voltada para o Oriente (Ez 44,12) é uma imagem frequente utilizada para indicar sempre a Virgindade Perpetua de Maria.<sup>12</sup>

A *Tenda/Habitação ou o Tabernáculo* imagem futura de um Templo (Ex 26,1ss.). Maria, sendo identificada com esta “construção”, evoca seu elemento interno, Cristo que veio ao seu seio e se torna assim, um sacrifício de eterna propiciação como nos propõe *Teodoro Studita* (+ 826):

<sup>10</sup> *TMPM1*, p. 313, cf. também Cirilo de Alexandria (+ 444), p. 491; Esíquio de Jerusalém (+ 451), p. 531; Próclo de Constantinopla (+ 445/446), p. 575; Teodoreto de Ciro (+ 466), p. 581; Hinografia Mariana, p. 939.

<sup>11</sup> Cf. *TMPM4*, p. 368.

<sup>12</sup> Cf. *TMPM1*: Pseudo-Próclo de Constantinopla (séc. V-VII), p. 856; GHARIB, G. *Testi Mariani del Primo Millennio. Padri e altri Autori Bizantini*. Vol. 2. Roma: Città Nuova, 1989, p. 500. Daqui por diante será citado: *TMPM2*.

Salve, ó tabernáculo, pólo da divindade (Ex 26,1ss), mais excelente dos eixos dos céus. De ti Deus veio para se entreter pessoalmente com os homens e de ti surgiu para o mundo um sacrifício de eterna propiciação.<sup>13</sup>

O *Sacerdote* e todos os adereços ligados ao seu serviço sacerdotal no Templo, como por exemplo, o *Efode* sacerdotal (Ex 28,4-14),<sup>14</sup> com as doze pedras preciosas que representava as doze tribos de Israel (Ex 28,17-20).

Os *Objetos sacros*, pertencente ao Templo e que serviam para o culto, ornamento, utilizados como instrumentos/objetos de louvor e glória a Deus eram aplicados a Maria: o Altar;<sup>15</sup> Mesa/Altar sagrado do pão da oferta ou da proposição (Ex 25,23);<sup>16</sup> a Arca dourada/ou da Aliança<sup>17</sup> com a Urna/Vaso de ouro (continha o Maná, Ex 16,33),<sup>18</sup> o Bastão de Aarão (Nm 17,16-36)<sup>19</sup> e as Tábuas da Lei/o Novo Testamento (Hb 9,4; Dt 10,3-5);<sup>20</sup> o Candelabro

<sup>13</sup> *TMPM2*, p. 644.

<sup>14</sup> Cf. *Maria nel Fanquito*. In: *TMPM 4*, p. 277; *TMSM4*, p. 45.68. O *Efode* era uma vestimenta sacerdotal, um tipo de sobrepeliz sem mangas feitas de fios azul e escarlate para uso exclusivo do culto sacerdotal no Templo e sobre este, se colocava as doze pedras preciosas que simbolizavam as tribos de Israel (cf. Ex 28,6-13).

<sup>15</sup> Cf. *TMPM3*, p. 612; Altar de Deus: *TMPM4*, p. 829.

<sup>16</sup> Cf. *Hinografia Mariana*. In: *TMPM1*, p. 955; *TMPM2*, p. 296.298.607.644; DE FIORES, S.; GAMBERO, L. *Testi Mariani del Secondo Millennio. Autori Moderni dell'Occidente (secc. XVI-XVII)*. Vol. 5. Roma: Città Nuova, 2003, p. 498. Daqui por diante será citado: *TMSM 5*; Cf. BARTOLI, L. *Lessico di Simbologia Mariana*. Padova: Gregoriana Libreria Editrice, 1988, p. 140.

<sup>17</sup> Cf. as diversas citações patrísticas sobre Maria e a “Arca della Aleanza” no índice analítico nos diversos volumes de *TMPM1*, p. 983; *TMPM2*, p. 1084-1085; *TMPM3*, p. 1014; *TMPM4*, p. 1035; SPIDLÍK, T.; GUAITA, G.; CAMPANELI, M. *Testi Mariani del Secondo Millennio*, Vol. 2. *Autori dell'area russa secc. XI-XX*. Roma: Città Nuova, 2002, p. 641. Daqui por diante será citado: *TMSM6*; *TMSM 4*, p. 704; DE FIORES, S.; GAMBERO, L. *Testi Mariani del Secondo Millennio. Autori Moderni dell'Occidente. Secc. XVIII-XIX*. Vol. 6. Roma: Città Nuova, 2005, p. 844. Daqui por diante será citado: *TMSM6*. Como “Mesa/Altar da Oferta ou da Proposição”: *TMPM2*, p. 295.322.343.647.329.976.977.

<sup>18</sup> *Maria como Urna/Vaso*: cf. *TMPM2*, p. 185.330.339; *TMPM3*, p. 612; *TMPM4*, p. 29.251.252.595.861.864; GAMBERO, L. *Testi Mariani del Secondo Millennio. Autori Medievali dell'Occidente (sec. XI-XII)*. Vol. 3. Roma: Città Nuova, 1996, p. 89.289, 406. Daqui por diante será citado: *TMSM 3*; *TMSM 4*, p. 154.261.320.554.670. *Maria como o Maná*: cf. *TMPM1*, p. 68; *TMPM3*, p. 246.

<sup>19</sup> Cf. *TMPM3*, p. 210; *TMSM2*, p. 220.376.427; *TMSM3*, p. 98s, 112.264.283, (Maria como bastão do sumo sacerdote, p. 289), 355.434s.441s.456. Cf. L. BARTOLI, *Lessico di Simbologia Mariana, op. cit.*, p. 266-267.

<sup>20</sup> Cf. L. BARTOLI, *Lessico di Simbologia Mariana, op. cit.*, p.124-125.273.

de ouro (Ex 25,31s; 37,17s);<sup>21</sup> o Turíbulo de ouro (Lv 16,12; 2Rs 25,15; 2 Cr 4,22; Hb 9,4).<sup>22</sup>

A Virgem Maria, tornando-se participante do sacrifício do Cordeiro Redentor, seu filho Jesus Cristo, já nos é profetizada em Lc 2,34-35 e realizada em estreita união com o Cordeiro sacrificado em Jo 19,25-27. Associada à missão do Filho é semelhante a uma 'oferenda', quase semelhante ao próprio Filho, como nos indica *Tarásio de Constantinopla (+ 806)*:

Estes foram os louvores de alegria pronunciados por Joaquim e Ana; estes hinos de louvor elevados com ação de graças, este o testemunho dado pelo profeta Zacarias com toda simplicidade. Por isto o sacerdote, como profeta de Deus e como aquele que oficiava no Santo dos Santos era participante de Deus, vendo a beleza do olhar da Virgem, o decoro do rosto, a reserva no falar, a nobreza de ânimo, a irrepreensível conduta de vida, a postura da pessoa, a compostura dos costumes, a dignidade do aspecto exterior, inspirado do Espírito Santo exclamou: "Ó jovem imaculada, virgem incontaminada, belíssima criança, ornamento das mulheres, esplendores das filhas, Virgem santa. Mãe és a bendita entre as mulheres, hosanada pela tua inocência, assinalada da virgindade. Tu és a expiação da maldição de Adão e a resolução do débito de Eva; tu és a puríssima oblação de Abel primícia dos primogênitos (cf. Gn 4,3-4) e imaculado sacrifício; sois a nova acomodação dada da Set, enquanto tu sem dor conceberas e darás a luz o Filho de Deus. És a esperança sem a vergonha de Enoc, tu és o verdadeiro Deus. Tu és o rendimento de graças de Enoc e a passagem de uma vida segura (cf. Gn 5,18-24), és a arca de Noé; és a mediadora da segunda regeneração junto de Deus: és o esplendor brilhantíssimo reino e sacerdócio de Melquisedek; segura confiança de Abraão e fé obediente a promessa da futura descendência. Tu és

<sup>21</sup> A figura do *Candelabro* é tirada de dois textos do AT (cf. Ex 25,31-32.36.37; Zc 4, 1-7) e aplicado a Maria, cf. Autor Anônimo (séc. VII), *TMPM2*, p. 295 e juntando dois adjectivos: *virginal* e de *ouro*. O primeiro é o de Pseudo-Epifanio (séc. V-VIII) e o segundo é o do Pseudo-Próclo de Jerusalém (séc. VII-VIII), Máximo o Confessor (+ 662), em particular cf. Fócio (+ c. 897), p. 865. *Candelabro de luz sempre acesa*, cf. Autor Anônimo (séc. VII). In: *TMPM2*, p. 298. Outras indicações em *TMPM1*, p. 70.97.800.856; *TMPM2*, p. 193.295.298.339.473.607. 649.865.935; *TMPM3*, p. 612; *TMPM4*, p. 610.817.820.862.865.

<sup>22</sup> *TMPM2*, p. 607; *TMPM4*, p. 520.784.817.862.865.995. Cf. BARTOLI, L. *Lessico di Simbologia Mariana, op.cit.*, p. 117.

o novo sacrifício e espiritual holocausto de Isaac; tu permite de subir sobre a escada de Jacó e és o grandioso sigilo da procriação dos filhos das doze tribos”.<sup>23</sup>

É significativo que geralmente os títulos de Cordeira, Ovelha e Novilha aplicados a Virgem Maria aparecem no âmbito litúrgico, como nos hinos, homilias, discursos dos Santos Padres, mas sempre em contexto doutrinal. Muitas vezes nas homilias, hinos e orações, tais títulos surgem em ambientes de tensão teológica, com intenção de aprofundar a ortodoxia, querendo assim garantir a natureza divina de Jesus Cristo, através da sobrenaturalidade da Virgindade Perpétua de Maria.

### **3. MARIA NA SIMBOLOGIA SACRIFICIAL EM DIVERSOS AUTORES**

Não podemos assegurar que os autores que se seguirão quiseram em modo explícito identificar a Virgem Mãe a algum destes animais relacionados ao sacrifício do AT. Deduzimos da aplicação explícita e implícita do título à Virgem Santíssima.

A Virgem Maria é identificada com tais animais e ainda mais relacionada à pessoa do Redentor, enquanto este é a imagem por excelência do sacrifício pascal no Templo-Calvário.

Maria de Nazaré na qualidade de discípula e vítima à semelhança de Jesus Cristo seu Filho e Maestro, é identificada por muitos autores com a pureza sacrificial, assim como no AT a vítima a ser sacrificada deveria ser pura ou ter uma origem pura (Lv 21, 17.18.21.23; 22, 20.21.25). Com o NT a Igreja recebe - incluindo Maria seu membro mais excelente - o convite em Rm 12,1-2: “Peço-vos, irmãos, pela misericórdia de Deus, que *vos ofereçais a vós mesmos como vítima santa, viva, agradável*”. A tal súplica do apóstolo à Igreja não diz respeito só a Maria, que realizou a sua oferta ao Senhor de modo perfeito (Lc 1,26) unindo-se ao sacrifício único do seu Filho redentor,

---

<sup>23</sup> TARÁSIO DE CONSTANTINIPLA, *Oratio in SS. Dei matrem in templum deductam*, IX, in *Patrologia Grega* 98, 1490D-1491A. Daqui por diante será citada: PG; Versão italiana. In: *TMPM2*, p. 631-632, com as notas explicativas 6 e 7, p. 632, que apresentam algumas expressões que podem parecer contrárias a fé e ao papel de Maria.

mas a todo o povo sacerdotal: “Vós sois geração eleita, sacerdócio real, nação santa, povo adquirido por Deus [...]” (1Pd 2,9a).

A própria liturgia hodierna nos recorda que na fé em Cristo nos tornamos oferenda perfeita, sacrifício vivo. Na Oração Eucarística III, depois da invocação do Espírito Santo para a comunhão diz: “Que ele faça *de nós uma oferenda perfeita* para alcançarmos a vida eterna com os vossos santos: a Virgem Maria, Mãe de Deus [...]”.

Na Oração Eucarística IV temos: “Olhai com bondade, o sacrifício que destes a vossa Igreja e concedei aos que vamos participar do mesmo pão e do mesmo cálice que, reunidos pelo Espírito Santo em um só corpo, *nos tornemos* em Cristo um sacrifício vivo para o louvor da vossa glória”.

Assim, o ser oferta colaboradora na obra da salvação não é exclusividade de Maria, mas de todos aqueles que aderem ao serviço do Senhor na renovação e santificação do mundo.

### **3. 1. Maria como símbolo da “Cordeira”, da “Ovelha” e da “Novilha”**

A) O primeiro que abre as portas a reflexão do título “Maria a Cordeira”, é o bispo *Melitão de Sardis (+ depois de 180)*, que no contexto litúrgico-doutrinal, em sua *Homilia Pascal*, realça a Virgindade de Maria, da qual nasceu Jesus:

É ele, que em uma Virgem se encarnou, que ao lenho foi elevado, que na terra foi sepultado, que dos mortos foi ressuscitado, que à altura dos céus foi elevado.

É ele o cordeiro mudo, é ele o cordeiro imolado, é ele que nasceu de Maria, a Cordeira pura (bondosa).<sup>24</sup>

B) *Efrém Siro (+ 373)*, por duas vezes apresenta a metáfora mariana dos animais utilizados no AT para o sacrifício no Templo.

a) No *Diatessaron*, livro que Efrém Siro interpreta a Sagrada Escritura, encontramos de modo implícito a aplicação do título de Maria como mãe do Cordeiro:

---

<sup>24</sup> MELITÃO DE SARDES. *Sur la pâque*, 70. In: *Sources Chrétiennes* 123, 99. Daqui em diante será citado SC; Versão italiana. In: *TMPM1*, p. 151.

O anúncio do anjo a Maria aconteceu no 10º dia do mês de Areg, para Zacarias acontece no 10º dia do mes de Hari: “Eis que já é o sexto mês” (Lc 1,36). Mas a lei prescreve que no 10º dia do mês de Areg se guarde o cordeiro pascal (Ex 12,3). Segundo o mesmo cálculo, o verdadeiro Cordeiro foi recolhido no seio da Virgem no tempo em que a luz reina.<sup>25</sup>

b) No contexto litúrgico do *Carmina Soghita*, em memória da Mãe de Deus, recorda a imagem da “Novilha amável” do rebanho de Abraão, significando sua descendência, que dá a luz o Deus Filho (Gn 49,9). Dá ênfase ao parto virginal, ao qual Deus feito homem, que por amor veio nos libertar.

[E. 41.] Ela (Maria) é a vitela amável que foi prefigurada entra as ovelhas do bem-aventurado Abraão; e sem que fosse imposto o jugo do matrimônio, curvando-se, deu a luz Deus, o qual por seu amor se tornou homem para nos libertar.<sup>26</sup>

C) *Epifânio de Salmina (c. 315-403)*, aplica a Maria o título de «Novilha vermelha», símbolo de sua virgindade. Tal animal apresentado no livro dos Números (Nm), evoca o sacrifício em expiação dos pecados. Epifânio para combater a heresia dos Maniqueus e Marcionitas, que negavam que Cristo tenha nascido de modo humano, esforça-se para realçar esta natureza humana de Jesus dizendo:

De fato Maria não deu a luz em virtude do sêmen do homem. Aqueles furiosos em vez sustentam falsamente que Maria gerou do sêmen viril.

Portanto a novilha se entende significar ela, a Virgem e que os restos da novilha se usassem como expiação pelas pessoas impuras, como diz a lei: “Toma uma novilha vermelha” (Nm 19,2). Esta expressão servia para indicar Maria qual vaso de eleição, vermelha por causa da divindade abrasada pelo Salvador, que habitava na Virgem. Diz de fato as Escrituras: “Deus é um fogo que consuma” (Dt 4,24). E a lei declara: “Uma novilha vermelha, cujo pescoço não foi ainda imposto o jugo” (Nm 19,2). Com isto queria significar que a novilha deveria

<sup>25</sup> LELOIR, L. *Éphrem de Nisibe. Commentaire de l'Évangile concordant ou Diatéssaron*. In: SC 121, 61. Versão em italiano. In: *TMPM4*, p. 79-80.

<sup>26</sup> Tradução da versão italiana em *TMPM4*, p. 91. Cf. texto original em alemão em *Corpus Scriptorum Christianorum Orientalium* 187, Paris-Louvain 1903, p. 184 [41].

ser virgem, quer dizer ainda não conhecedora do jugo que deriva do matrimônio com homem.<sup>27</sup>

D) *Cromácio de Aquiléia (+ 407)*, usando a imagem dos cordeiros, animais inocentes, que são sacrificados por Abel (Gn 4,4), em um dos seus *Sermões*, interpreta dizendo que estes são a imagem dos santos patriarcas e profetas. A brancura do rebanho é interpretada à luz do Sl 64,14 [65,14], que é símbolo da própria inocência deles. O bispo de Aquiléia une esta imagem a pessoa de Maria, “Ovelhinha imaculada e intacta”, que é descendente deste rebanho santo, que gerou o “Cordeiro purpúreo”, supera a natureza humana, isto é gera o seu Filho, Cristo Rei, sendo ainda Virgem.

Deste rebanho dos santos saiu aquela ovelhinha imaculada e intacta, isto é a santa Maria, a qual para nós, superando a natureza, gerou o Cordeiro purpúreo que é o Cristo rei. E justamente aquele Cordeiro purpúreo vem identificado com o Cristo Senhor, porque não foi sagrado rei, mas nasceu como tal.<sup>28</sup>

E) *Próclo de Constantinopla (+ 446)* utiliza três vezes o título de “Cordeira” a Maria em relação ao Cordeiro”. Duas no contexto natalício e uma no contexto pascal. É de tradição a muitos autores unir estes dois eventos. Um corresponde ao outro na economia da salvação.

1) Na *Homilia IV sobre o Natal do Senhor*, recorre aos mistérios que recapitulam o mundo.

Acorram os pastores, para o pastor que nasceu da Cordeira Virgem.<sup>29</sup>

2) Na *Homilia XXIV sobre o Natal do Senhor*, põe ênfase na economia da Encarnação:

[11] Hoje de fato da Cordeira nos nasceu «o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo» (Jo 1, 29) [...].<sup>30</sup>

<sup>27</sup> EPIFANIO DE SALAMINA, *Adversus Haereses* 19. In: *Patrologia Grega* (PG) 41,457-458CD; Versão italiana. In: *TMPM1*, p. 384-385.

<sup>28</sup> CROMÁCIO DE AQUILÉIA. Sermo 23,3. In: SC 164, 64-67; Versão italiana. In: *TMPM3*, p. 228.

<sup>29</sup> PRÓCLO DE CONSTANTINOPLA. Oratio in Natalem die Domini IV. In: *PG 65,711-712 A*; Versão italiana. In: *TMPM1*, p. 566.

<sup>30</sup> Tradução da versão italiana. In: *TMPM1*, p. 573-574, do texto original em grego da *Homilia* 24, I, 1. In: MARTIN, CH. *Un florilège grec d'homélie chritologiques des IVE et Ve siècles sur la Nativite*. In: *Le Muséon* 54 (1941), p. 40.

3) Na *Homilia XXIX sobre a Crucifixão*, louva a Deus porque fez de Maria seu Templo e como chuva veio sobre a «lã virginal» da Cordeira e dela nasceu.

[1] Bendito seja Deus que do céu desceu como chuva sobre o velo virginal e da Cordeira Maria nasceu o Cordeiro.<sup>31</sup>

F) O poeta latino, *Célio Sedúlio (séc. V)*, em seu *Carme Pascal I*, usando a metáfora de «Cordeira» à Virgem Maria, parece fazer alusão a Ap 14,4. Dos virgens que seguem onde vai o puro Cordeiro, pois foram resgatados e purificados com o seu sangue. Não podemos nos esquecer que Sedúlio é um dos primeiros Padres do Ocidente que no seu *Carme Pascal V*, faz alusão do encontro de Cristo ressuscitado a sua Mãe.

No *Carme Pascal I*, encontramos:

Abre o caminho que, através de uma augusta trilha, conduz os poucos à cidade da salvação; e faz com que a lâmpada do Verbo ilumine os meus passos, a fim que as trilhas da vida me levem ao recinto do campo onde o bom Pastor guarda um prazeroso ovil, pelo qual primeiro entra o Cordeiro da virgem ovelha, cândido no seu véu, e com ele todo o branco rebanho.<sup>32</sup>

G) *Romano, o Melodioso (c. 490 - c. 560)*, também nos seus hinos natalícios e pascais, faz menção por quatro vezes de metáforas que evocam as vítimas do AT relacionadas à Nossa Senhora.

1) No seu *Hino da Anunciação*, usa metáforas para fazer alusão à virgindade de Maria:

[1]. Aquilo que vejo não consigo compreender: supera todo entendimento humano o fato que a erva arde sem se consumir, que o cordeiro traga no ventre um leão, a andorinha uma águia, a serva o próprio patrão. No seu seio mortal que não o circunscreve, Maria leva o meu

<sup>31</sup> Tradução da versão italiana. In: *TMPM1*, p. 575, do texto original em grego da *Homélie 29, 1, Sur la crucifixion*. In: LEROY, F. J. *L'homilétique de Proclus de Constantinople. Tradition manuscrite, inédits, études connexes*. Vol. 247. Città del Vaticano: Biblioteca Apostolica Vaticana, 1967, p. 208.

<sup>32</sup> CÉLIO SEDÚLIO. *Pascalis Carminis I*, 79-84. In: *Corpus Christianorum. Séries Latina (CCSL)* 10,21-22; *Patrologia Latina* 19,561. Daqui por diante será citado: PL; Versão italiana. In: *TMPM3*, p. 424.

Salvador, com o consentimento dele. Por isto eu exclamo com alegria: “A Virgem deu a luz e depois do parto permaneceu virgem”.<sup>33</sup>

2) No *Hino de Maria aos pés da Cruz*, por duas vezes, Romano, constrói em forma poética a diálogo dramático de Maria com o Filho crucificado.

a) No primeiro, Romano nos lembra do episódio das mulheres que seguiam a Jesus na sua Paixão (Lc 23, 27-31). Maria a “Cordeira” segue o Filho levado ao matadouro.

[1]. A Cordeira Maria, diante do próprio Cordeiro arrastado ao matadouro (Is 53,7), seguia aflita com as outras mulheres, e gritava: “Onde vai, Filho? Por qual motivo corre com tanta premura? Se celebram outras núpcias em Caná, e agora tu te apressas, onde mudastes para eles a água em vinho (Jo 2,1-11)? Posso acompanharte, Filho? Ou é melhor te esperar? Dizei-me uma palavra, Verbo, não passares adiante em silencio, tu que me conservastes pura, Filho e Deus meu!”<sup>34</sup>

b) Na segunda vez, Romano evoca o desejo de Maria a “Cordeira”, de rever o Filho após sua morte, isto é na sua ressurreição.

[11]. ... A Cordeira sem defeito respondeu ao Cordeiro: “Meu Filho, não sejas contrariado se ainda uma vez mais eu falo. Te direi o que tenho no coração, para receber somente de ti quanto desejo. Se tu sofre, se tu morre, tornaria para junto de mim? Se vai a sanar Adão e Eva, te verei ainda? Eis que coisa temo: fosse ao sair do sepulcro tu terias impulso para o céu. E eu, eu por te rever não terei que chorar, e gritar: “Onde está meu Deus e Filho?”.<sup>35</sup>

3) Nas suas *Estrofes do Natal*, retorna a mesma metáfora de Maria a “Cordeira” em relação à Natividade virginal.

8. Qual a inteligência mortal explicará o parto? Como te chamaremos, ó gloriosíssima Maria? De ti se encarnou o Autor da criação. “Salve a

<sup>33</sup> ROMANO O MELODIOSO. 3e Hymne de la Nativité, I. In: *SC 110,121*; Versão italiana. In: *TMPM1*, p. 702.

<sup>34</sup> ROMANO O MELODIOSO, Hymne de Marie a la Croix, I. In: *SC 128,161*; Versão italiana. In: *TMPM1*, p. 722-723.

<sup>35</sup> ROMANO O MELODIOSO, Hymne de Marie a la Croix, I. In: *SC 128,175-176*; Versão italiana. In: *TMPM1*, p. 725.

ti”, direi a Cordeira, “Salve a ti”, gritarei a Virgem (cf. Lc 1,28). Povos digamos juntos: Bendito és tu, nosso Deus recém-nascido, glória a ti!<sup>36</sup>

H) *Tiago de Sarug (+ 521)*, na sua *I Homilia da Natividade do Senhor*, fazendo a exegese de Gn 49,9, aplica a Maria o título de “Ovelhinha”, e dando a Cristo o título de «pequeno Novilho amável e cevado», pronto para o sacrifício. A matriz da exegese de Tiago de Sarug parece se inspirar Efrém o Siro:

A jovem ovelhinha se abaixou para dar a luz o Leãozinho [cf. Gn 49,9], aquele Poderoso ao qual, nas bênçãos, Jacó escreveu [cf. Gn 49, 9]... Se abaixou para dar a luz, na sua juventude, a novilhazinha amável, o toro cevado [cf. Lc 15,23], que vítima se fez para os pecadores.<sup>37</sup>

I) *Pseudo-Próclo de Constantinopla (séc. V-VII)*, na sua *Homilia à Santa Mãe de Deus Maria* encontramos diversos elogios a Nossa Senhora com inspirações e simbologias bíblicas. Destas, se sobressaem algumas relacionadas ao sacrifício litúrgico ou do ambiente litúrgico do Templo no AT. Tais como, o Templo (a Porta), ao Sacerdote (Efrém sacerdotal), aos objetos sacros do Templo (Altar de Ouro, Candelabro de ouro, Turíbulo, a Urna de ouro, Arca dourada, Incenso, Novo Livro). Uma delas é a passagem de Nm 19,2, e que aplica a Maria a imagem da primogênita “Novilha vermelha”. Como vimos acima (cf. C) com Epifânio de Salamina que dá o significado desta metáfora.

Assim nos indica o Ps.-Próclo :

[17,4] Ela é aquela novilha vermelha primogênita não subjugada ao jugo a qual as cinzas, - isto é o corpo do Senhor – dela tomou forma,

<sup>36</sup> ROMANO O MELODIOSO, *Stichères de la Nativité*. In: SC 110,145; Versão italiana. In: *TMPM1*, p. 727.

<sup>37</sup> *TMPM4*, p. 178. No Pseudo-Efrém (séc. V), encontramos hinos destinados ao uso litúrgico para celebrar o Natal, mas que evoca elementos essenciais da Páscoa: paixão, morte. Não apresenta o título de ‘Maria, a Cordeira’, mas deixa subentende-lo: “[V,7] *Nec antea nec postea arbor genuit alium agnum in terra, nec alia virgo genuit absque viro* [cf. Gen. 22, 13]. *Maria et arbor unum sunt. Agnus in ramis pendeat, et Dominus noster in Golgoltha. Agnus salvavit Isaac et Dominus criaturas*”. In: TH. LAMY, J. *Sancti Ephraem Syri Hynni et Sermones*. vol. II. Malines: H. Dessain-Summi Pontificis-S. Congregationis de Propaganda Fide et Archiepiscopatus Mechliniensis Typographus, 1986, p. 538. [IX, 3] *Beata te, o Maria, il cui ventre diventata grávida del Leoncello di cui scrisse Giacobbe (cf. Gn 49, 9)! Egli si umigliò e da te succhiò il latte che lo nutri, divenendo agnello dalla pecorella vergine per salire sull’altare e salvarci. Di te già fu simbolo l’ariete che salvo Isacco (cf. Gn 23,12)*”. Versão italiana. In: *TMPM4*, p. 210.213.

purifica da contaminação do pecado aqueles que eram manchados (cf. Nm 19, 2.9; Hb 9, 2).<sup>38</sup>

J) O hino *Akatistos* (c. séc. V), de inspiração bíblico e poético, canta louvores a Theotókos. Na Estança VII, baseando-se em Lc 2,8-20; Jo 10,11; Lv 12,6; Nm 6,14 e 1Pd 1,19, em uma de suas estrofes canta à “Mãe do Cordeiro e Pastor”:

Os pastores ouviram o concerto dos anjos a Cristo que desceu para nós. Correndo para ver o Pastor, o viram como um cordeirinho inocente nutrir-se no seio da Virgem, à qual elevam o canto: Ave, ó Mãe do Cordeiro-Pastor; Ave, recinto do rebanho fiel [...].<sup>39</sup>

K) Símile ao hino *Akatistos*, um *Autor Anónimo do séc. VII*, exprimindo cantos de louvor à Virgem, por duas vezes aplica a Bem-aventurada Virgem Maria, o título de “Cordeira”.

1) Na Estança IV, colocando na boca de João Evangelista o canto de louvor à ‘Toda Santa’, apresenta antes do título de Cordeira, o de “Pomba”, símbolo da virgindade da vítima pura para o sacrifício:

Ave, ilibada Senhora e casta pomba.  
Ave, imaculada, ilibada e pura Cordeira.<sup>40</sup>

2) E no momento do seu funeral, coloca na boca do apóstolo Filipe este canto:

Ave, ó Cordeira que gerastes o Cordeiro.<sup>41</sup>

L) A *Hinografia do séc. VIII* canta o título de “Cordeira” à Virgem. O *Enkomia dell’Epitaphios Trenos*, que provém do matutino do Sábado Santo, se inspira em Jo 19, 25-27, e contém os lamentos de Maria junto à Cruz do seu Filho que envolve o lamento da Igreja:

---

<sup>38</sup> Tradução da versão italiana de *TMPM1*, p. 856. Original grego em *L’homélie 6 de Proclus*. In: LEROY, F. J. *L’homilétique de Proclus de Constantinople, op.cit.* In : *Studi et Testi*, 247 (1967), p. 322.

<sup>39</sup> *TMPM1*, p. 956.

<sup>40</sup> *TMPM2*, p. 295.

<sup>41</sup> *Ibidem*, p. 296.

A Cordeira, vendo morto o seu Cordeiro, oprimida pela dor, gemia, comovendo todo o rebanho que gritava com ela.<sup>42</sup>

M) Em duas homilias de *Germano de Constantinopla* (+ 733), saúda a Maria com o título de “Mãe do Cordeiro e Cordeira”.

1) Ele associa os dois títulos de “Cordeira e Novilha” na *Homilia para a Anunciação da Ssma. Mãe de Deus* e que parece inspirar-se na hinologia do *Akatistos*. Saúda Maria, dizendo:

Ave, ó cheia de graça, novilha inexperiente de jugo, que nutristes o vitelo gordo e levastes no seio aquela famosa grandeza celeste. Ave, ó cheia de graça, cordeira sem mancha, que com as mãos incontaminadas compusestes para a sepultura aquela famosa ovelha (Is 53,7) do véu purpúreo, que voluntariamente se sacrifica por todos.<sup>43</sup>

2) Na Homilia II para a Dormição da Santa Mãe de Deus:

“De fato – como está escrito - por meio de ti os nossos ossos se revigoram como a erva” [Is 16,14], Mãe do Cordeiro e do Pastor e reconhecida procuradora de todos os bens.<sup>44</sup>

N) *André de Creta* (+ 740), cantor da Theotókos, segue os passos de Germano, utilizando três vezes os títulos de “Cordeira e Novilha” à Virgem, direcionado ao sacrifício. O louvor de André de Creta a Nossa Senhora com tais invocações surge a partir do funeral da Mãe de Deus em Jerusalém.

1) Contemplando sua beleza, ele exclama:

Verdadeiramente felizes os olhos e os lábios daqueles que celebraram estas coisas! Quem poderia explicar com a língua estas místicas visões? [...] Ela [Maria] é [...] o imaculado vestuário do cordeiro e do pastor, a não subjugada novilha do vitelo gordo.<sup>45</sup>

2) No *Triodion* do *Domingo de Ramos*, contempla-a dolorosa na Paixão do Bom Pastor:

<sup>42</sup> *TMPM1*, p. 948.

<sup>43</sup> FAZZO, V. *Omèlie Mariologiche* (Le Omèlie Mariane e le Lettere sulle sacre immagini). Roma: Città Nuova Editrice, 1985, p. 77; Cf. *TMPM2*, p. 339.

<sup>44</sup> GERMANO DE CONSTANTINOPLA. In: *Dormitionem B. Mariae, II*. In: *PG 98,354A*; Versão italiana. In: *TMPM2*, p. 358.

<sup>45</sup> ANDRÉ DE CRETA, Oratio XII. In: *Dormitionem Sanctissimae Deiparae Domine nostrae*. In: *PG 97,1070A*; Versão italiana. In: *TMPM2*, p. 438.

Ode VIII. Theotechion

A tua Cordeira, serva e Virgem, vendo-te correr para a paixão e dar por nós a vida, ó bom Pastor, padecia por ti nas suas entranhas de mãe.<sup>46</sup>

3) E na Terça-feira da Paixão, recorda a sua intercessão em favor dos mortais que professam sua fé no Senhor:

Ode III. Theotechion

A Cordeira que deu a luz o rei. O pastor e o Cordeiro, Jesus Deus, intercede sempre, por todos os mortais e os que crêem em ti.<sup>47</sup>

4) Celebrando a Natividade da Virgem, André de Creta canta a natureza humana de Cristo que recebeu da “Cordeira Incontaminada”:

Ode I. Tropário

Incontaminada Cordeira que sozinha do teu ventre, destes a Cristo a lâ, a nossa substância (humana), todos nós, no teu nascimento de Ana, com cantos celebramos.<sup>48</sup>

O) *João Damasceno* (+ 749) embora não aplica a Maria o título de Cordeira, dá a entender em modo velado quando exalta o “Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo” (Jo 1,29) através do seu nascimento da Theotókos.

Exulte a natureza: vem de fato ao mundo o cordeiro, com o qual o pastor revestirá o rebanho e tomará a túnica da antiga mortalidade. Dance em coro a virgindade, porque nasceu de uma Virgem que, segundo Isaías, «conceberá e dará a luz um filho, que será chamado Emanuel, que quer dizer Deus conosco» (Is 7,14).<sup>49</sup>

---

<sup>46</sup> ANDRÉ DE Creta, Dominica in Ramis Palmarum... Ode 8. In: *PG 97,1401-1402*; Versão italiana. In: *TMPM2*, p. 464.

<sup>47</sup> ANDRÉ DE Creta. Sancta magna que tertia feria... Ode 3. In: *PG 97,1411*; Versão italiana. In: *TMPM2*, p. 465.

<sup>48</sup> ANDRÉ DE Creta. Septembris Octava die: Natale Sanctissimae Dominae Deiparae. Ode 1. In: *PG 97,1319A*; Versão italiana. In: *TMPM2*, p. 467.

<sup>49</sup> JOÃO DAMASCENO. Homilia in Nativitatem B. V. Mariae. In: *PG 96,667A*; Versão italiana. In: *TMPM2*, p. 501.

Fazei ouvir a vossa voz, «elevai-a, sem temor» (Is 40,9), porque nos nasceu na santa Probática a Mãe de Deus, da qual se dignou nascer o Cordeiro de Deus que toma sobre si o pecado do mundo.<sup>50</sup>

### 3) Na sua terceira Homilia sobre a Dormição...

Regozijai, Mãe predestinada por Deus. Regozijai, tu que fostes escolhida antes dos tempos nos planos de Deus [...] cordeiro que destes a luz o Cordeiro de Deus que cancela o pecado do mundo.<sup>51</sup>

P) *Pseudo-Epifanio (entre os séc. VII-VIII)*, na sua *Homilia de Louvor a Maria Mãe de Deus*, que é um texto litúrgico que narra a vida da Virgem começando da sua concepção até a visita do Magos, encontramos a exaltação da Mãe de Deus nos seus privilégios em relação a santíssima Trindade, assim como sua superioridade sobre as criaturas espirituais e terrenas. No capítulo cinco desta homilia a gestação do Filho de Deus no seio de Maria é exaltado na figura simbólica da ovelha, da novilha e como mesa em favor da vida eterna da humanidade. Ele diz:

Não gerastes na carne um Deus temporal mas um Deus eterno, que é antes de ti e de todas as coisas. Tu és a ovelha imaculada, que gerastes Cristo, o cordeiro; a novilha jamais subjugada, que deu a luz o vitelo; tu és a mesa espiritual da fé, que deu ao mundo o pão da vida.<sup>52</sup>

Q) *Tarásio de Constantinopla (+ 806)*, por duas vezes aplica a Mãe de Deus o título de “Cordeira”. O primeiro a associa ao sacrifício de expiação que já no AT se fazia como vimos no início deste tema. O segundo, recorda através da honra que Tarásio presta a Maria, aplicando o adjetivo “Cordeira imaculada”, como é próprio de Cristo, seu Filho o “Cordeiro imaculado”.

<sup>50</sup> JOÃO DAMASCENO. Homilia in Nativitatem B. V. Mariae. In: *PG 96,670B*; Versão italiana. In: *TMPM2*, p. 502.

<sup>51</sup> JOÃO DAMASCENO. Homilia 3,5 in Dormitionem B. V. Mariae. In: *PG 96,762A*; Versão italiana. In: *TMPM2*, p. 541.

<sup>52</sup> PSEUDO-EPIFANIO. Homilia 5 in Laudes Sanctae Mariae Deiparae. In: *PG 43,485*; versão italiana. In: *TMPM1*, p. 799. Este autor antigo é o primeiro que aplica a Maria o título de «sacerdotisa», não a colocando ao nível do ministério sacerdotal, mas ela é semelhante a um sacerdote e um altar onde Cristo foi oferecido por ela, pois ela preparou a vítima para o sacrifício, porque Maria foi o primeiro altar desta oferta quando o gerou no seu ventre. Ele diz: “[...] a Virgem sacerdotisa e ao mesmo tempo altar, ela como mesa/altar nos dá Cristo, pão celeste para a remissão dos pecados”. In: *PG 43,497*.

[...] Cordeira espiritual oferta expiatória [...].<sup>53</sup>

Te honro como cordeira imaculada.<sup>54</sup>

Ambas interpretações simbólicas se podem ver nas entre linhas o que se refere a Jesus, Cordeiro Imaculado em expiação pelos pecados do mundo. Tarásio dá a entender que Maria, associada a missão do Filho também é considerada como vítima imaculada expiatória.

R) *Teodoro Studita (+ 826)*, festejando a *Natividade de Maria*, faz seu sermão e na diversidade de títulos que ali aplica a Nossa Senhora, um deles é a imagem da «Cordeira», onde exalta a divina Maternidade de Maria, sem participação humana, porque Aquele que nasceu dela, tira o pecado mundo:

Ave, ó cordeira, infecunda de uma relação conjugal; tornada mãe em vez por causa da divina concepção. De ti nasceu aquele Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo (Jo 1,29).<sup>55</sup>

S) *José o Hinógrafo (+ 886)*, no contexto hinológico do seu “Marial”, por nove vezes aplica o tema de “Maria como Cordeira” associando-a ao “Cordeiro de Deus”, além do título de “Novilha”, que a associa ao “Novilho Imaculado”.

1) O “Canon Stavrosimos”, que celebra a Cruz, na Sexta-feira, encontramos no *Ode I, Stavrottheotokion*, que literalmente significa a “Mãe de Deus e a Cruz”, que diz o seguinte:

Olhando a Cordeira, o Cristo suspenso como cordeiro na cruz, eleva lamentos e grita: “Como desapareceu a tua beleza, ó longânime eterno Filho?”<sup>56</sup>

<sup>53</sup> TARÁSIO DE CONSTANTINOPLA. Oratio SS. Dei Matrem in Templum Decuctam, VIII. In: *PG 98,1490A*; Versão italiana. In: *TMPM2*, p. 631.

<sup>54</sup> TARÁSIO DE CONSTANTINOPLA. Oratio SS. Dei Matrem in Templum Decuctam, IX. In: *PG 98,1494A*; Versão italiana. In: *TMPM2*, p. 633.

<sup>55</sup> TEODORO STUDITA. Homilia 2 in Nativitatem B. V. Mariae, 7. In: *PG 96,695C*; Versão italiana. In: *TMPM2*, p. 649. Teodoro Studita é um daqueles que aplicando a Maria com linguagem de uso pagão como uma «jovem virgem sacrificadora», isto é que está a serviço do altar. Cf. Homilia 2 de Nativitate Beatae Virginis. In: *PG 96,693A*. Esta homilia foi atribuída erroneamente a João Damasceno.

<sup>56</sup> JOSÉ O HINOGRÁFO. Mariale. Theotocia. Ex canone Feriae 6, ad Matutinum. In: *PG 105,1286B*; Versão italiana. In: *TMPM2*, p. 704.

2) No “Canon da deposição da “Veste de Maria” em Blaquerne, um grande santuário Bizantino dedicado a veste da Virgem, no *Ode I*, José o Hinógrafo usa metáforas para dar significado ao culto desta relíquia de Maria. A Virgem Mãe, que no tempo foi revestida com uma veste, oferece ao mundo a nova veste, o Cordeiro de Deus que tira o pecado mundo.

Ó Cordeira imaculada que deste a luz inefavelmente o Cordeiro de Deus e doaste a nós a tua veneranda veste que verdadeiramente cancela as manchas e as cicatrizes de quantos te veneram, ó Imaculada.<sup>57</sup>

3) No “Cânion à Mãe de Deus”, no “Sábado do Akátistos”, o canto de José o Hinógrafo evoca os dois títulos de animais para o sacrifício, “Novilha e Cordeira” em união ao «Novilho Imaculado e o Cordeiro de Deus» que tira o pecado do mundo.

Novilha mística que gerastes aos fiéis o vitelo imaculado, ave, Cordeira que destes a luz o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo. (Jo 1,29)! Ave, fervoroso propiciatório!<sup>58</sup>

4) Em diversos Cânticos do “Theotocia ex Paracletica Graecorum”, “Maria como Cordeira e Novilha” é apresentada em estreita participação aos sofrimentos da Paixão do seu Filho.

A Cordeira imaculada, esplendor dos profetas e mártires, quando viu o Cordeiro suspenso no lenho [da cruz] chorava amargamente e dizia assim: Oh vós, criaturas todas que existis no mundo, louvai o Senhor e exaltai-o para sempre.<sup>59</sup>

Ó Senhor, a cordeira imaculada, vendo-te elevado na cruz, chorava dolorosamente e louvava o teu poder.<sup>60</sup>

Como a cordeira visse [seu] Pastor e Senhor elevado no lenho [da cruz], prorrompendo em lamentos - porque é sua mãe - exclamou: Que mistério

<sup>57</sup> JOSÉ O HINOGRÁFO. *Mariale. De depositione pretiosae vestis sanctissimae Deiparae un Blachernis. Ode 1.* In: *PG 105,1006AB*; Versão Italiana. In: *TMPM2*, p. 714.

<sup>58</sup> JOSÉ O HONOGRÁFO. *Mariale. Ad hymnum Acatiston.* In *sanctissimam Deiparam. Ode 3.* In: *PG 105,1019BC*; Versão italiana. In: *TMPM2*, p. 722.

<sup>59</sup> JOSÉ O HINOGRÁFO. *Mariale. Theotocia. Ex Paracletica Graecorum. Ex canone feriae VI ad Matutinum.* In: *PG 105,1295C*.

<sup>60</sup> JOSÉ O HINOGRÁFO. *Mariale. Theotocia. Ex Paracletica Graecorum. Ex canone feriae IV ad Matutinum.* In: *PG 105,1311A*.

novo é este, ó filho? Como tu, sendo de essência imortal, acolheste a morte, desejando livrar os seres humanos da corrupção?<sup>61</sup>

A mãe e cordeira, contemplando o Cordeiro que devia ser sacrificado apresentando-se voluntariamente à paixão, vertendo fontes de lágrimas e dizia: Que sacrificio é este, ó filho? Como te expões à morte, tu que dispões vivificar todos os mortos?<sup>62</sup>

Aquela cordeira, que é celebrada em toda parte com muitíssimos louvores, vendo o Cordeiro sendo impelido para a voluntária paixão, crucificado segundo a carne, lamentava com grande clamor e lágrimas a longanimidade [do Cordeiro], e foi glorificada com louvores.

A novilha imaculada, vendo o seu vitelo suspenso na cruz, gemendo gritava: ó Filho, como este povo traidor não teve nenhuma compaixão contigo, tu que foste misericordioso com ele? Todavia, através de um julgamento fraudulento, condenou-te injustamente à morte.<sup>63</sup>

Ó Jesus, a tua cordeira estando junto à cruz te contemplou, seu pastor e Senhor; chorava amargamente e profundamente emocionada por tua causa, ó Cristo, assim te dirigia a palavra: Que espetáculo novo é este? Como podes morrer, ó vida?<sup>64</sup>

T) *Jorge de Nicomédia (+ finais do séc. IX)*, no seu sermão da festa da 'Apresentação de Maria no Templo', aplica à Mãe do Senhor a imagem da "Cordeira imaculada". Ele encontra nesta festa um sentido sacrificial ao qual associa a pessoa de Maria.

Hoje a cordeira imaculada, como vítima agradável é oferecida no templo, da qual nasceu «aquele Cordeiro de Deus que remiu o pecado do mundo» (Jo 1,20).<sup>65</sup>

<sup>61</sup> JOSÉ O HINOGRÁFO. Mariale. Theotocia. Ex Paracletica Graegorum. Ex canone feriae VI, ad Matutinum. In: *PG 105,1331B*.

<sup>62</sup> JOSÉ O HINOGRÁFO. Mariale. Theotocia. Ex Paracletica Graegorum. Ex canone feriae IV, ad Matutinum. In: *PG 105,1338B*.

<sup>63</sup> JOSÉ O HINOGRÁFO. Mariale. Theotocia. Ex Paracletica Graegorum. Ex canone feriae IV ad Matutinum. In: *PG 105,1346D*.

<sup>64</sup> JOSÉ O HINOGRÁFO. Mariale. Theotocia. Ex Paracletica Graegorum. Ex canone duplici in feriae III, hebdomadis IV ad Matutinum. In: *PG 105,1370D*.

<sup>65</sup> JORGE DE NICOMÉDIA. Oratio V, Encomium in sanctissima Deiparae Repraesentationem in templo, atque ut Deo consecrata sit juxta historiam. In: *PG 100,1418C*.

Assim a cordeira imaculada é oferecida completamente, como a vítima mais cara dentre todas seja oferecida ao Criador: não libações de sangue, mas pela sua pureza eminente: com a qual nós também desejamos ingressar portando obras bem dignas do ingresso [no céu, subentende-se]; e, no lugar da estola, vestidos com o hábito variegado das virtudes, ingressemos com ela, a fim de que, havendo nada que possa atingir a nós que ingressamos, sejamos deleitados misticamente com seus segredos, em Jesus Cristo Nosso Senhor, com o qual convém a glória, o poder, a honra e a adoração, ao Pai e ao Espírito Santo, por todos os séculos dos séculos. Amém.<sup>66</sup>

U) Como os outros autores, *Metrofane de Esmirne (séc. IX)*, no contexto litúrgico usa dois títulos a Maria, “Cordeira e Novilha”.

É no *Ode I* do “Canon Paraclético à Mãe de Deus”, exalta a virgindade imaculada da “Cordeira” que gerou o “Novilho gordo”.

O primeiro título, “Cordeira”, parece lembrar o episódio de Js 11,34s, onde a filha única de Jefté, sendo ainda virgem, é imolada por causa de um voto que seu pai fizera a lavé (Js 11,30-31).

Imaculada Cordeira, única jovem não esposada e incontaminada, ó esposa de Deus não subjugada, imaculada Virgem, bela novilha que gerou o vitelo gordo, eleva e liberta a minha lama do jugo pesado do pecado.<sup>67</sup>

Y) *Gregório de Narek (c. 950-1010)*, abade do mosteiro de Narek, no seu *Discurso panegírico sobre a Virgem Maria* encontramos sua profunda reflexão na participação ativa de Nossa Senhora no sacrifício redentor do Filho.

1) Aplicando a Maria o título de “Cordeira sem mancha”, apresentando-a também como modelo de vida austera e mortificada, Gregório diz:

Regozija-te e exulta, ó bem-aventurada entre as mulheres! Tu percorreste o caminho da perfeição à escola da cruz, que ensina a habitua-se as coisas duríssimas; ó chama, que ascende a alma com a mortificação de contínuas penas, te abrasa e te fez partícipe das dores do Filho: com sofrimentos incessantes suportastes os enormes

<sup>66</sup> Ibidem. In: *PG 100,1419A*.

<sup>67</sup> *TMPM2*, p. 815.

tormentos do Senhor que nasceu de ti; te sacrificastes sobre o altar do teu amor como Cordeira sem mancha, qual oblação sacerdotal, símile ao sacrifício puro de um cordeiro vestido de lã; não te imolastes por meio de um punhal, mas fazendo da tua vida austera e mortificada um contínuo holocausto. Por isto as miríades angélicas com o coro dos apóstolos, testemunhas deste teu sacrifício, te louvam como só es digna de honra, ó santa Mãe de Deus.<sup>68</sup>

2) Com a imagem da “Novilha mansa”, Gregório vê em Maria o modelo de submissão. Inspirando-se no texto sacro de Nm 19,2, encontra em Maria, sua participação ao sacrifício do Filho.

Na sua natureza de servo, te serviu o teu Criador e do universo, te chamou mãe o Fautor dos extremos confins da terra. Foste celebrada filha imaculada da primeira mulher culpada, confessada coroa de santidade por todos os eleitos puros. Foste oferecida como novilha mansa e sem mancha sob o jugo da lei dada pelo Criador, e como dócil jumentinho seguistes em tudo o desejo da divindade infinita.<sup>69</sup>

U) *Tiago Monge (séc. XI)*, por três vezes na festa da Apresentação de Maria, faz uma hermenêutica do ornamento tomado da “Cordeira”, da sua entrada no Santo dos Santos como vítima sacrificial semelhante a “Novilha” (da cabra, de um cordeiro, de uma rolinha e de um pombo) de três anos de Gn 15,9, e da “Pomba” inocente presente no Templo.

Ó cordeira de lã dourada, a partir da qual o Criador endossando a veste da natureza [humana], cobriu a minha nudez e escondeu a feiura das minhas infâmias, rasgou as [minhas] vestes de pele, fez [-me] revestir a beleza primitiva, aplicou ao ornamento a forma daquela beleza primordial.<sup>70</sup>

Verdadeiramente hoje ela [Maria] como uma vitela de três anos, é introduzida no Santo dos Santos [...] Hoje a cordeira imaculada, como uma

<sup>68</sup> *TMPM4*, p. 582.

<sup>69</sup> *Ibidem*, p. 586.

<sup>70</sup> Referência às vestes de pele de Adão e Eva confeccionadas por Deus após o pecado. TIAGO MONGE. Oratio II, 18, In *nativitatem sanctissimae Domine nostrae Dei Genitricis Mariae*. In: *PG 127,594CD*.

vítima agradável, é oferecida no templo; hoje a pomba pura, esvoaçando na parte mais interna do templo, espantou o caçador da maldade.<sup>71</sup>

Era necessário que a cordeira imaculada gozasse de tal banquete.<sup>72</sup>

V) *Isaac Monge (2ª metade séc. XIV)*, no seu *Livro dos mistérios do céu e da terra*, faz a mesma interpretação de Epifânio de Salamina e Pseudo-Proclo de Constantinopla (cf. C e I), na metáfora da “Novilha vermelha” de Nm 19,2.

Eis aqui a explicação. Quando diz “novilha vermelha” é Maria. Quando se acrescenta que não sofreu o jugo, isto significa que não conheceu homem; e, ao mesmo modo que Maria é a novilha vermelha, assim nosso Senhor é símile a esta mesma novilha, porque revestiu a carne de Maria. Aqueles que crucificaram o novilho são os algozes, a sinagoga dos judeus, e o povo que é regado do sangue é o povo cristão, o qual são santos.<sup>73</sup>

X) Na liturgia da *Igreja Copta*, em três memórias marianas, com extensas fórmulas de saudações, encontramos o recordar do vínculo estreito entre Maria, a “Cordeira sem mancha” ao seu Filho, “Cordeiro, Pastor, Sacerdote e Salvador”.

1) No livro litúrgico de “Maria no Aghbia ou Relógio”, a maternidade de Maria é vista à luz dos sofrimentos do Redentor na cruz como Mãe do Cordeiro, Pastor e Salvador:

A Mãe, diante do Cordeiro, Pastor e Salvador do mundo suspenso à cruz, disse chorando: O mundo se alegra pela salvação recebida, mas as minhas entranhas queimam à vista da crucifixão que tu suportas, ó Filho e meu Deus.<sup>74</sup>

<sup>71</sup> TIAGO MONGE. Oratio III, 10, In *nativitatem sanctissimae Domine nostrae Dei Genitricis Mariae*. In: *PG 127,610B*. A nota 26, que se segue a esta citação na *PG 127,610B*, nos recorda o quanto era comum aos Padre Gregos e Latinos de aplicar a imagem inocente da Novilha de três anos, da Ovelha, da Pomba e da Rolinha a Maria.

<sup>72</sup> TIAGO MONGE. Oratio III, 17. In: *nativitatem sanctissimae Domine nostrae Dei Genitricis Mariae*. In: *PG 127,618D*.

<sup>73</sup> ISAAC MONGE. Le livre des mystères du ciel et de la terre. In: *Patrologia Orientalis 1,71*; Versão italiana. In: *TMPM4*, p. 873.

<sup>74</sup> *TMPM4*, p. 789.

2) Na memória de 13 de Dezembro, *Ingresso da Senhora Virgem Maria, Mãe de Deus no Templo*, dentre tantas invocações que encontramos nesta memória, uma delas diz:

Ave, a ti, ó Maria, passagem pura, Mãe daqueles que é ao mesmo tempo Cordeiro e Sacerdote.<sup>75</sup>

3) E, na *Memória da Virgem Maria em cada mês*, encontramos uma série idêntica de saudações à Mãe de Deus. Todas estas saudações são celebradas diante de uma imagem de Nossa Senhora e, dentre estas, com esta saudação:

Ave a ti, ó Maria, cordeira sem mancha, que revestiste-nos com o hábito da salvação.<sup>76</sup>

Z) No segundo Milênio, que seguindo os passos dos autores do primeiro Milênio no título de “Maria, a Cordeira, Ovelha, Pomba e Rolinha”, encontrei:

1) No séc. XII, o prior dos Cónegos Regulares de São Vítor em Paris, *Ricardo de São Vítor (+ 1173)*, que em forma poética oferece à Mãe do Senhor vários outros títulos que evocam as vítimas sacrificadas no AT, mas se referindo a qualidade de mansidão que estes indicam.

Ricardo de São Vítor, não faz alusão explícita ao tema do sacrifício, mas de modo implícito indica a Maria com os adjetivos de “Ovelhinha inocente, Cordeira pura, Pomba/rolinha simples e casta”, todos estes animais como vimos acima, eram oferecidos como sacrifícios.

Por isto a bem-aventurada Virgem Maria foi verdadeiramente uma aurora claríssima que, com seu magnífico esplendor, enfraqueceu a luz dos Padres precedentes. De fato tudo aquilo que a criação ou na Escritura é louvável convém ao seu louvor. Assim, ela é [...] uma ovelhinha pela inocência, uma cordeira pela sua pureza, uma pomba pela sua simplicidade, uma rolinha pela sua castidade ou qualquer animal puro e doméstico pela pureza e mansa companhia.<sup>77</sup>

<sup>75</sup> Ibidem, p. 824.

<sup>76</sup> Ibidem.

<sup>77</sup> RICARDO DE SÃO VÍTOR. Sermo 40. In: *Nativitate, vel Assumptione beatae Mariae semper Virginis*. In: *PL 127,980CD*; Versão italiana. In: *TMSM3*, p. 353.

2) Três testemunhos do séc. XIII: António de Lisboa/Pádua, Tiago da Varagine e na Ladainha da Ordem dos Dominicanos.

a) *Antônio de Lisboa/Pádua (+ 1231)*, nos seus sermões realça em primeiro plano à luz da Sagrada Escritura e dos Santos Padres, a Virgindade de Maria, que para ele é um sinal específico da divindade de Cristo.

O título de Maria “Ovelha” é um dos tantos adjetivos que Antônio de Pádua aplica à Virgem Mãe. Procura, assim, dar ênfase a prerrogativa de sua Virgindade Perpétua em relação à divindade de seu Filho:

Veio porém o Filho para fazer-se uma veste com a lã da ovelhinha, isto é da Virgem, chamada ovelhinha pela sua inocência. É ela a nossa Raquel, nome que significa propriamente “ovelha”, que o verdadeiro Jacó encontrou junto ao poço da humildade, como está escrito no livro do Génesis (cf. Gn 29,10). [...] Mas Cristo, para purificar-nos da contaminação da carne e da alma, assumiu uma lã incontaminada, como havia a ovelha (Adão) antes de ser dilacerado pelo lobo.<sup>78</sup>

b) *Tiago da Varagine (+ 1298)*, bispo dominicano, apresenta no ‘Marial Áureo’ um vasto panorama da simbologia mariana, dentre estes, para o nosso tema, encontramos a Virgem Maria como a “Ovelha de Deus”, isto é Imaculada, que soube rejeitar tudo o que é nocivo à graça (ervas danosas: o pecado),<sup>79</sup> que conhece o Filho o Bom Pastor muito mais do que qualquer pessoa. Em todo o percurso mistério da vida de Cristo, ali estava sua Mãe. Tão íntima que comandava os milagres (Jo 2,3), seguindo ao patíbulo da Cruz e depois à sua Assunção gloriosa.

Maria é dita ovelha pela reciprocidade do conhecimento. As ovelhas de fato conhecem o seu pastor e vice-versa: “Eu conheço as minhas ovelhas e as minhas ovelhas me conhecem” (Jo 10,14).

Analogicamente Cristo conhece Maria sua mãe durante a vida, dando-lhe filial obediência: “Era-lhes submisso” (Lc 2,51). A conheceu depois da sua morte, conduzindo-a a paz eterna e colocando-a à sua direita. E porque Cristo é verdadeiramente o cordeiro que por três vezes

<sup>78</sup> TOLLARDO, G. *Sant’Antonio di Padova. I Sermoni*, 3. ed. Padova: Messaggero, 2002, p. 1087.

<sup>79</sup> FERRUA, V. *Jacopo da Varagine. Mariale Áureo* (versione italiana, introduzione e dizionario di). Bologna: Centro Editoriale Dehoniano, 2006, p. 324-327.

reconheceu sua mãe, por três vezes na missa se canta o Agnus Dei. “Cordeiro”, em latim, traz a origem de ‘agnoscere’ (isto é conhecer) ou, em grego, de ‘agnos’, que significa “puro” - como se a Igreja dissesse: “Cordeiro que conhecestes tua mãe na obediência, tende piedade de nós! Cordeiro que conhecestes tua mãe confinando-a ao discípulo, tende piedade de nós! Cordeiro que conduzistes tua mãe à paz eterna, dai-nos a nós a paz”.

Por sua vez a mãe conhece o Filho, levando-o por nove meses no ventre; o conheceu fora d seu ventre, nutrindo-o com leite virginal; o conheceu no mundo e a ele, e enquanto mãe, confiantemente ordenando: “Não tem mais vinho» (Jo 2,3), como dissesse: “Faz um milagre, muda a água em vinho e assim oferece vinho aos convidados” O conheceu sobre o patíbulo, unindo-se a ele: “O meu amado é meu e eu sou dele” (Ct 2,16); “Eu sou para meu dilecto e para mim é toda sua atenção” (Ct 7,11).<sup>80</sup>

c) Ainda no séc. XIII encontramos um testemunho da família dominicana que no momento de dificuldade se rezava e ainda hoje se faz tal gesto de piedade recitando a “Ladainha da ordem dos Dominicanos à Nossa Senhora”. Tais invocações à Virgem Mãe de Deus foram instituídas pelos frades dominicanos quando Guilherme do Sant’Amor, canônico de Bauveux (França), escreveu contra as ordens mendicantes. O beato *Umberto de Romans*, na época IV Geral da Ordem, pediu que em todos os conventos dominicanos se invocasse Nossa Senhora através de uma série de invocações, hoje conhecida como ‘Ladainha dos Dominicanos’.

Nesta ladainha encontramos uma particularidade. Como se sabe, sempre no final das ladainhas se súplica ao Cordeiro de Deus que tenha piedade e escute as nossas preces. Na Ladainha dos Dominicanos a súplica é dirigida a ‘Cordeira de Deus’, Maria, que é porta de esperança ao seu Filho, que nos ajuda a aproximarmos dele, já que Maria é Lírio virginal e que nos conceda o Reino depois deste exílio.

Assim vem expresso:

Cordeira de Deus, tu porta da esperança, leva-nos ao Filho.

Cordeira de Deus nos uniu a ele, ó virginal Lírio.

---

<sup>80</sup> FERRUA, V. *Jacopo da Varagine, op.cit.*, p. 326-327.

Cordeira de Deus dai-nos o Reino do repouso depois do exílio.<sup>81</sup>

4) No séc. XVII, encontramos um testemunho de *São João Eudes* (+ 1680), fundador e autor do culto litúrgico aos Corações de Jesus e Maria.

Na sua liturgia pascal, Missa e Ofício, dedica em 1652, uma *Fête de l'Apparition de Notre-Seigneur a sa très Sainte Mère*, como na tradição portuguesa, isto é, celebrada na segunda-feira da segunda semana da Páscoa (pascoela). Ele elabora toda esta liturgia chamando atenção a devoção ao Coração de Maria. Na *Sequência* desta festa, elaborada à luz da *Sequência Pascal* que hoje cantamos, evocando de modo implícito o título de “Maria, a Ovelha”, que chora a morte do Cordeiro:

A ovelha chorava o Cordeiro, a Mãe enlutava o filho:

Mas eis que o morto reina vivo.

O Cordeiro e a serpente combateram um duelo inimaginável:

O Cordeiro, morto, venceu o Dragão.<sup>82</sup>

W) Atualizando os dados das Escrituras e dos Padres, a liturgia ainda hoje, também evoca de modo implícito e explícito o título de “Cordeira” a Maria, associada ao seu Filho o “Cordeiro sem mancha e inocente”.

1) O Prefácio da solenidade da Imaculada Conceição, em modo implícito diz:

Puríssima, na verdade, devia ser a Virgem que nos daria o Salvador, o Cordeiro sem mancha, que tira os nossos pecados.<sup>83</sup>

2) Seguindo nesta mesma reflexão, vem o testemunho do formulário número 1 da *Colectânea de Missas da Virgem Santa Maria* para o tempo do Advento: *A Virgem Maria, filha eleita de Israel*.

Recebei, Senhor, estes dons e transformai-os, pelo vosso poder, em sacramento de salvação, no qual, tendo cessado os sacrifícios da

<sup>81</sup> SPIAZZI, R. *La Madonna nella vita cristiana. Studi Mariani* 5. Roma: Ângelo Belardetti Editrice, 1952, p. 584-587.

<sup>82</sup> EUDES, J. *Oeuvres Complètes, Lettres. Livre III. Offices*, Tome XI. Paris: Beauchesne et Cie Editeurs, 1909, p. 383.

<sup>83</sup> CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Missal Quotidiano. Missal da Assembleia Cristã*. São Paulo: Paulus, 1985, p. 532.

antiga aliança, Se oferece o verdadeiro Cordeiro, Jesus Cristo, nascido inefavelmente da Virgem Imaculada.<sup>84</sup>

3) Na *Colectânea de Missas da Virgem Santa Maria*, promulgada por Sua Santidade João Paulo II, no Ano Santo Mariano de 1988, o formulário número 36, tem como título: *A Virgem Maria, Mãe do Amor Formoso*. No prefácio desta missa, realça a beleza de Maria em quatro momentos de sua vida no mistério de Cristo e da Igreja: no primeiro, na sua Conceição Imaculada; no segundo, na sua virgindade maternal; no terceiro, na sua experiência da Paixão, que como “mansa Cordeira”, participa, oferece e é resgatada com o sangue do “Cordeiro inocente”, recebendo deste uma nova maternidade e no quarto momento, a beleza de Maria resplandece através da ressurreição do próprio Filho e com Ele reina gloriosa.

Notamos que na construção harmônica deste prefácio, realça do início ao fim a graça fulgurante de Maria, que já na sua Conceição Imaculada, se associa ao Cordeiro Imaculado, que a lavou com seu sangue. Assim encontramos:

Ela [Maria] foi verdadeiramente bela na sua conceição, pela qual, livre de toda a mancha de pecado resplandece adornada com todo o fulgor da graça;

bela na sua maternidade virginal, pela qual deu ao mundo o esplendor da vossa glória, Jesus Cristo, seu Filho, salvador e irmão de todos nós;

bela na paixão e morte do seu Filho, na qual, revestida com a púrpura do seu sangue, como mansa Cordeira que padeceu com o Cordeiro inocente, recebeu nova missão de Mãe; bela na ressurreição de Cristo, com qual reina gloriosa, participando no seu triunfo.<sup>85</sup>

3) Na Liturgia das Horas, nas duas primeiras estrofes, em um dos vários hinos para a “festa da Apresentação do Senhor”, encontramos Maria (a Cordeira) que leva a vítima para o sacrifício, o Cordeiro:

Hoje ao templo do Senhor/Maria leva o Cordeiro/Que há-de oferecer ao Pai/Sacrifício verdadeiro.

---

<sup>84</sup> CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA. *Colectânea de Missas da Virgem Santa Maria. Missal, op. cit.*, p. 34.

<sup>85</sup> CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA. *Colectânea de Missas da Virgem Santa Maria. Missal, op. cit.*, p. 176.

Segundo a lei de Moisés,/Sua Mãe O resgatou;/E o velho Simeão,  
Ao vê-lo, profetizou [...].<sup>86</sup>

## CONCLUSÃO

O que dizer deste belo panorama da exegese patrística e da tradição da Igreja sobre Maria, mulher Eucarística e Sacerdotal? Na nossa pobre visão de povo sacerdotal não podemos negar que Maria foi e é a única na história da salvação que nos estimula, nos encoraja a seguir o Sumo e eterno Sacerdote, Salvador do gênero humano. Ela a primeira no discipulado se associa no único sacrificio do Redentor como modelo perfeito de serviço na doação imaculada e perene na causa da obra da salvação do seu Filho.

Maria como a primeira na comunidade dos filhos de Deus dispersos é a mulher Eucarística por excelência. Mulher de perene ação de graças pela obra estabelecida e consumada por Jesus Cristo. Mulher sacerdotal que escuta e vive a palavra das Escrituras em forma categórica e incondicional, cooperando assim ao projeto de Deus. Mulher sacerdotal na oferta do seu único Filho no patíbulo da cruz e na oferta de si mesma à luz do Servo sofredor (Lc 1,26; Jo 19,25-27). Mulher sacerdotal que insiste e persiste a convidar o povo de Deus sacerdotal em se oferecer como vítima de colaboração na obra do Cordeiro Imolado.

As mariofanias reconhecidas oficialmente pela Igreja, nada mais são que o exercício deste sacerdócio mariano presente em todos os cristãos batizados. Nossa Senhora insiste na conversão e reconciliação, na oferta de si mesma para expiar e contribuir no plano salvífico do Senhor. Tais convites à luz da palavra e da tradição é o exercício sacerdotal mariano que estimula o povo de Deus: leigos, sacerdotes e bispos, a tomarem parte e decisão firme no serviço do Senhor e salvar os irmãos dispersos.

### **ORAÇÃO A MARIA “VIRGO SACERDOS” (indulgenciada por S. Pio X)**

*Ó Maria, Mãe de misericórdia, Mãe e Filha daquele que é Pai das misericórdias e Deus de toda consolação [1], Dispensadora dos tesouros do*

---

<sup>86</sup> *Liturgia das Horas. Segundo o Rito Romano. Edição Abreviada*, 3. ed. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1991, p. 1443.

teu Filho [2], Ministra de Deus [3] Mãe do Sumo Sacerdote Cristo, e Tu ao mesmo tempo Sacerdote e Altar [4], Templo imaculado do Verbo de Deus [5], Mestre dos Apóstolos e dos Discípulos de Cristo [6], protege o Sumo Pontífice, intercede por nós e pelos nossos Sacerdotes, afim que o Sumo-sacerdote Cristo Jesus purifique os nossos corações, e possamos assim nos aproximar dignamente e plenamente do seu sagrado altar.

Ó Virgem Imaculada, que não só nos destes o Pão do céu, Cristo, para remissão dos pecados [7], mas tu mesma és Vítima imolada aceitíssima por Deus [8] e glória do Sacerdócio [9]! e que, por testemunho do bem-aventurado servo S. Antonino “ainda que não revestida do sacramento da Ordem, fostes todavia repleta de toda dignidade e graças, que tal Sacramento confere, disto com razão te se dá o título de Virgem e Sacerdote” [10]; olha para nós piedosamente e aos sacerdotes de teu Filho; salvai-nos, purificai-nos e santificai-nos, a fim que possamos santamente participar dos tesouros inefáveis dos Sacramentos, e merecer conseguir a eterna saúde das nossas almas. Assim seja.

Ó Mãe de misericórdia, rogai por nós.

Ó Mãe do Eterno Sacerdote, rogai por nós.

[1] Ricardo de S. Lourenço, [2] S. Bernardino, [3] S. Bernardino de Busto, [4] S. Epifânio, [5] Blósio, [6] S. Tomás de Vilanova, [7] S. Epifânio, [8] S. André de Creta, [9] S. Efrém, [10] Carta de SS. Pio IX, 25 de Agosto de 1873.

*(Concedemos 300 dias de indulgencia a todos que recitarem com piedade e devoção esta oração)*

9 de Maio de 1906. Pius P. P. X.<sup>87</sup>

## BIBLIOGRAFIA

BOURASSÉ, J. J. *Summa aurea de Laudibus B. V. Mariae Dei Genitricis sine labe conceptae*, Tomo IX. Parisiis: Excudebatur et Venit Apud J.-P. Migne Editorem, 1862.

<sup>87</sup> Pontificado de Pio X: ASS 40 109. In: S. Congr. de Indulg., 9 de mayo de 1906 (9 enero 1907). In: MARIN, H. *Doctrina Pontificia. Documentos Marianos*. Vol. IV. Madrid: BAC 128,1954, p. 390. (Tradução do Espanhol).

- BARTOLI, L. *Lessico di Simbologia Mariana*. Padova: Gregoriana Libreria Editrice, 1988.
- CHARBONNEAU-LASSAY, L. *Il Bestiario del Cristo*. La misteriosa emblematica di Gesù Cristo. Roma: Edizioni Arkeios, 1994.
- CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA. *Colectânea de Missas da Virgem Santa Maria. Missal*. Coimbra: G. C. - Gráfica de Coimbra, 1997.
- CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Missal Quotidiano. Missal da Assembleia Cristã*. São Paulo: Paulus, 1985.
- Corpus Christianorum. Continuatio Mediaevalis*. Turnhout, 1966.
- Corpus Christianorum. Séries Latina*. Turnholti-Parisiis, 1953.
- Corpus Scriptorum Christianorum Orientalium*. Paris-Louvain, 1903.
- DE FIORES, S. *Maria. Nuovissimo Dizionario*. Vol. 2. Bolonha: Edizione Dehoniane, 2006.
- DE FIORES, S. GAMBERO, L. *Testi Mariani del Secondo Millennio. Autori Moderni dell'Occidente (secc. XVI-XVII)*. Vol. 5. Roma: Città Nuova, 2003.
- \_\_\_\_\_. *Testi Mariani del Secondo Millennio. Autori Moderni dell'Occidente. Secc. XVIII-XIX*. Vol. 6. Roma: Città Nuova, 2005.
- EUDES, J. *Oeuvres Complètes, Lettres. Livre III. Offices, Tome XI*. Paris: Beauchesne et Cie Editeurs, 1909.
- FAZZO, V. *Omèlie Mariologiche (Le Omèlie Mariane e le Lettere sulle sacre immagini)*. Roma: Città Nuova Editrice, 1985.
- FERRUA, V. *Jacopo da Varagine. Mariale Áureo*. Bologna: Centro Editoriale Dehoniano, 2006.
- GAMBERO, L. *Testi Mariani del Primo Millennio. Padri e Autori Latini*. Vol. 3. Roma: Città Nuova, 1990.
- \_\_\_\_\_. *Testi Mariani del Secondo Millennio. Autori Medievali dell'Occidente (sec. XI-XII)*. Vol. 3. Roma: Città Nuova, 1996.
- GARIB, G.; TONIOLO, E. M.; GAMBERO, L.; DI NOLA, G. *Testi Mariani del Primo Millennio*. Vol. 1. Roma: Città Nuova Editrice, 1988.
- GHARIB, G. *Testi Mariani del Primo Millennio. Padri e altri Autori Bizantini*. Vol. 2. Roma: Città Nuova, 1989.
- \_\_\_\_\_. *Testi Mariani del Primo Millennio. Padri e altri Autori Orientali*. Vol. 4. Roma: Città Nuova, 1991.
- LAMY, TH. J. *Sancti Ephraem Syri Hynni et Sermones*. Vol. II. Malines: H. Des-sain-Summi Pontificis-S. Congregationis de Propaganda Fide et Archiepiscopatus Mechliniensis Typographus, 1986.
- LAURENTIN, R. *Maria Ecclesia Sacerdotium*. Essai sur le développement d'une idée religieuse. Paris: Nouvelles Éditions Latines, 1952.

- \_\_\_\_\_. *Marie, l'Église et le sacerdoce*. Étude Théologique. Paris: Nouvelles Éditions Latines, 1953.
- LEROY, F. J. *L'homilétique de Proclus de Constantinople. Tradition manuscrite, inédits, études connexes*. Vol. 247. Città del Vaticano: Biblioteca Apostolica Vaticana, 1967.
- Liturgia das Horas. Segundo o Rito Romano. Edição Abreviada*. 3. ed. Coimbra: G. C. - Gráfica de Coimbra, 1991.
- MARIN, H. *Doctrina Pontificia. Documentos Marianos*. Vol. IV. Madrid: BAC 128, 1954.
- MONTEVERDE, F.; PASSARINI E. *Opera Omnia di Sant'Agostino*. Indice Analitico Generale (G-O). Vol. 44/3. Roma: Città Nuova Editrice, 2009.
- Patrologia Grega*. Paris: Ed. J. P. Migne, 1857.
- Patrologia Latina*. Paris: Ed. J. P. Migne, 1844.
- Patrologia Orientalis*. Paris: Ed. Graffin – F. Nau, 1903.
- PERRELLA, S. *Le mariofanie*. Per una teologia delle apparizione. Padova: Edizione Messaggero, 2009.
- SPIAZZI, R. *La Madonna nella vita cristiana. Studi Mariani* 5. Roma: Ângelo Belardetti Editrice, 1952.
- SPIDLÍK, T.; GUAITA, G.; CAMPANELI, M. *Testi Mariani del Secondo Millennio*. Vol. 2. *Autori dell'area russa secc. XI-XX*, Roma: Città Nuova, 2002.
- Sources Chrétiennes*. Paris, 1941.
- TOLLARDO, G. *Sant'Antonio di Padova. I Sermoni*. 3. ed. Padova: Messaggero, 2002.